
O Jornalismo Interpretativo em Podcast e o Processo Criativo a partir do Podcast Praia Dos Ossos¹

Keise Tiffany ASTOLPHO²
Renato VAISBIH³
Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP

RESUMO

O podcast, formato mais contemporâneo de produção de conteúdo, tem apresentado em suas criações formas criativas de trazer a informação ao público que o consome. Em junção ao tradicional conceito de jornalismo interpretativo, dispõe de uma convergência de mídia que atrai e imerge seus ouvintes. O Praia dos Ossos, podcast da Rádio Novelo, apresenta diversos elementos que compõem esta convergência de mídia e conduz seus ouvintes a adentrarem no contexto da reportagem que apura exclusivamente o caso do assassinato de Ângela Diniz no ano de 1976 e os anos seguintes entre o crime e os julgamentos. O presente trabalho mostra como o jornalismo interpretativo é apresentado a partir do processo criativo na produção do podcast.

PALAVRAS-CHAVE: podcast; jornalismo interpretativo; informação; convergência de mídia; processo criativo.

PROXIMIDADE DO RÁDIO COM O PODCAST

O início do século XX trouxe muitos avanços tecnológicos para a imprensa, principalmente o surgimento da internet que transformou a forma de se produzir conteúdo para o público. Com o grande alcance de informações que a internet disponibiliza, os meios de comunicação se converteram a nova via.

A relação do rádio com o podcast passa por uma proximidade que como diz McHugh: “ao desenvolver novas formas de narrativas sonoras, o podcasting fez mais do que dar novo fôlego ao rádio. Em apenas alguns anos, evoluiu para uma indústria mundial, que reinventou o áudio e possibilitou uma ligação mais estreita com os ouvintes.” (MCHUGH, 2020).

O rádio via internet se origina e se desenvolve a partir da ideia de “uma rede de comunicações que não dependesse só de um núcleo central” (BARBEIRO E DE LIMA,

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UNINOVE, e-mail keise.tiffany@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNINOVE, e-mail: renatov@uni9.pro.br

2001, p.35) e com isso, passa a conquistar um espaço amplo e mais qualitativo, diferente do rádio tradicional que priorizava a grande quantidade de informações.

Com alguma simplicidade, cada pessoa ou entidade conectada na rede pode montar sua própria emissora. Não há mais um núcleo central. Cada um vai ser operador, programador, ideológico e editor-chefe do conteúdo da rádio. [...] Daí ocorre uma grande segmentação de assuntos e identificação com os que falam na rede. O ouvinte-internauta vai sair em busca do diferencial e este residirá na qualidade do que se lança na rede e na identificação com quem fala. (BARBEIRO E DE LIMA, 2001, p.35).

O público passa então a se conectar com as transmissões na web e a procurar conteúdo por segmentações e com mais detalhes nas informações. Além de programas de rádio, a internet proporciona ao ouvinte-internauta acessar arquivos, dados, textos, imagens anexadas à programação normal e um histórico de outros programas já apresentados, complementando e envolvendo as informações transmitidas enquanto escutam.

O rádio também nasce com o diferencial de obter interatividade com os ouvintes, e na internet, isto se intensifica ainda mais. O que antes ocorria apenas por cartas e telefonemas para o estúdio das emissoras de rádio, na internet, o ouvinte-internauta passa a influir diretamente no conteúdo da programação e sua participação e opinião por comentários é o que modela e inspira a criação de pautas, levando em consideração, também, a identificação que este ouvinte cria com quem fala.

Muito se foi discutido sobre as diferenças e semelhanças do rádio e do podcast, sendo então compreendido pelo grupo de pesquisa da INTERCOM como a “ampliação do entendimento do rádio para além das emissões eletromagnéticas, abarcando ou se aproximando de novas manifestações sonoras associadas à internet” (*apud* FERRARETTO, 2007). Esta visão menos restritiva do que é rádio hoje, que abrange web rádios e podcasting, entre outras modalidades de radiodifusão sonora. (DEL BIANCO, 2012, p.46). Sendo assim, engloba ambos os modelos como comunicação por áudio.

POPULARIZAÇÃO DOS PODCASTS NO BRASIL

A “brincadeira” de gravar seu próprio programa de rádio era muito comum e foi tomando uma proporção maior que, em 2004, se origina oficialmente na distribuição de arquivos de áudio pela internet, geralmente em formato MP3 e com um diferencial de a qualquer momento o internauta poder acessar, fazer o download, ouvir novamente e escolher o conteúdo que gostaria de consumir.

Essa transmissão de dados foi chamada de podcasting, “(uma junção do prefixo “pod”, oriundo de iPod, com o sufixo “casting”, originado da expressão “broadcasting”, transmissão pública e massiva de informações)” (LUIZ, 2014, p.10) e definido como:

O podcast pode ser definido brevemente como um arquivo de mídia, tradicionalmente um arquivo de formato de áudio, transmitido via podcasting. E o podcasting pode ser definido como uma forma de transmitir arquivos digitais, através da internet, utilizando a tecnologia do feed RSS e um agregador. (ASSIS, 2014, p.29-30).

O primeiro podcast brasileiro foi o Digital Minds, criado por Danilo Medeiros em 20 de outubro de 2004, que disponibilizava em seu blog os arquivos de áudio para download. Em seguida, muitos outros podcasts foram surgindo fazendo com que, em 2005, fosse organizada a primeira edição da Conferência Brasileira de Podcast, a PodCon Brasil, sendo o evento inaugural que apresentava exclusivamente o assunto.

Os primeiros podcasts brasileiros se assemelhavam muito aos dos norte-americanos, que eram referência, contendo pouca edição e que lembravam um programa tradicional de rádio. Aos poucos, passaram a utilizar uma linguagem para os jovens, com humor, pautas leves e descontraídas com efeitos técnicos de mixagem do som e trilhas sonoras que divertiam junto à fala dos locutores.

Os podcasts que rapidamente se tornaram famosos e conquistaram seu público foram o NerdCast⁴, RapaduraCast⁵ e Monacast⁶, que são considerados os representantes da “nova geração”, respectivamente lançados os dois primeiros em 2006 e o terceiro em 2008, trazendo na composição de seus episódios características individuais que aproximaram seus ouvintes dos criadores, com uma identificação principalmente pela linguagem livre e bem humorada que utilizam, a combinação dos efeitos sonoros e o sentimento de “amizade” com os apresentadores.

Com isso, inicia também a diversidade de segmentos nos assuntos e temáticas dos podcasts:

Hoje, há uma infinidade de modelos, propostas e formatos de podcast, temas, abordagens e formas de editar. Segundo a Associação Brasileira de Podcasters (2018), há, hoje, mais de dois mil programas ativos de podcasts no Brasil, e, segundo o serviço de streaming Spotify (*apud* VASCONCELOS, 2019), a pesquisa Podcast Stats Soundbites mostra o Brasil como o segundo país em consumo de podcasts no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. (SILVEIRA, 2020, p.174).

⁴ <https://jovemnerd.com.br/nerdcast/>

⁵ <https://cinemacomrapadura.com.br/cat/rapaduracast-podcast/>

⁶ <http://www.monalisadepijamas.com.br/category/podcasts>

As temáticas dos podcasts vêm desde os mais tradicionais e conhecidos assuntos sobre notícias do momento, discussões sobre esportes, sociedade e cultura, negócios e tecnologia, até os mais diferentes e segmentados sobre TV e cinema, arte, ciência, crimes reais, ficções, comédia e educação a partir de audiolivros e programas para aprender outras línguas.

CRESCIMENTO DA AUDIÊNCIA DE PODCASTS EM 2020

A expansão de alcance dos podcasts vêm acontecendo cada vez mais desde então e “os podcasts têm crescido rapidamente entre diferentes públicos, tanto no seu acesso quanto na sua produção. Segundo uma pesquisa publicada em 2019, o consumo de podcast cresceu 67% no ano passado, e o tempo de escuta aumentou 40% em comparação ao ano anterior no Brasil.” (SILVEIRA, 2020, p.163).

A plataforma Spotify se tornou uma das mais acessadas para consumo de podcasts e “dados revelam que o consumo dobrou no segundo trimestre de 2020 entre os ouvintes da plataforma. Houve um aumento de 29% no número de usuários ativos em relação a 2019, o que na prática significa que o serviço agora conta com 299 milhões de assinantes que diariamente utilizam o streaming.” (STRAZZA, Pedro, B9, 2020).

Há diversas plataformas e aplicativos que hospedam podcasts e facilitam seu encontro. Dentre as mais populares estão: o Spotify, SoundCloud, Deezer, Google Podcast, Apple Podcast, Amazon Music e Castbox, que trazem consigo suas características próprias para que os ouvintes façam suas escolhas e estejam sempre conectados aos podcasts que seguem.

O JORNALISMO INTERPRETATIVO E SUA CONVERGÊNCIA PARA O PODCAST

Ao se tratar do jornalismo interpretativo, é primordial pensar na essência que o faz surgir, a reportagem. O envolvimento do jornalista com o fato noticioso e sua característica própria de atribuir os detalhes e particularidades do fato, muito além da informação clara, objetiva e imediatista adicionando seu olhar singular, traz uma nova linguagem mais aprofundada, narrativa e literária, o jornalismo interpretativo.

Esta linguagem narrativa surge a partir de um agente inicial, da ação do jornalista de identificar, investigar, documentar, prognosticar e difundir a informação da ocorrência

em toda sua integridade junto ao direito do receptor de interpretar a informação e agir de acordo com seu próprio diagnóstico. (BELTRÃO, 1976, p.47).

Como define Luiz Beltrão:

Essa análise preliminar de submeter os dados recolhidos a uma seleção crítica, e transformá-los em matéria para divulgação é a interpretação jornalística. Interpretação que é um exercício da inteligência e do discernimento de um agente qualificado, com excepcional aptidão para apreender toda a significação do fato, para a comunidade, dentro de “um critério especial”, de um juízo jornalístico que se resume em submeter o interesse particular e transitório para obter a universalidade e considerar, nos fatos, o seu valor permanente. (BELTRÃO, 1976, p.47).

Para se difundir, então, este valor permanente ao fato, dá início a escolha do gênero e formato jornalístico e como transpor os fatores da mensagem interpretativa, sendo elas: a proximidade temporal, que corresponde à oportunidade de divulgação do fato; a proximidade espacial, que diz respeito à localização da ocorrência; o número e a qualidade das pessoas/personagens envolvidos; e o valor material e ideológico considerável da matéria. (BELTRÃO, 1976, p.73-74).

Estes fatores podem ser expressados de diversas formas no jornalismo a fim de exemplificar o fato noticioso no melhor formato de transmissão. Com isso, se inicia a reflexão da convergência do tradicional impresso para o sonoro, pelas características que o som e a tecnologia aplicam.

Por isso mesmo, os cibermeios concentram no website as principais funcionalidades e opções diversas para os conteúdos, trabalhados segundo formatos e gêneros variados, bem como narrativas também variadas e de acordo com recursos propiciados pela hipertextualidade, multimidialidade, interatividade, atualização contínua, personalização, memória e, cada vez mais, pelas bases de dados. (PELLANDA, CAMPOS, BARBOSA, SUZ..., 2020, p.52).

A multimidialidade traz então o conteúdo para um formato mais atrativo e contemporâneo, a partir dos gêneros radiofônicos que migram para os podcasts. Eles se tornam a principal escolha para registrar um produto jornalístico. E ao expressar uma narrativa, se combinam as particularidades da reportagem de ampliar os detalhes e trazer uma noção aprofundada do fato noticioso, com as diversas formas de demonstração sonora, trilhas e efeitos para demonstrar e imergir o público no ambiente da reportagem, de forma que o conteúdo final demonstre um caráter minimalista e criativo.

Barbosa Filho, ao pensar nas formas como os gêneros radiofônicos trazem o envolvimento com o público, define:

Os gêneros radiofônicos estão relacionados em razão da função específica que eles possuem em face das expectativas de audiência. [...] um instrumento que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio

da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos. Os seus relatos podem possuir características subjetivas do ponto de vista dos conteúdos e, portanto, acrescentar ao ato de informar opiniões particulares sobre os acontecimentos. (BARBOSA, 2009, p.89).

Sendo assim, ao pensar na relação entre os gêneros e características radiofônicas junto ao jornalismo interpretativo e a reportagem literária, o acesso à tecnologia e como a multimídia evolui para a formação de narrativas através dos podcasts, se estabelece uma nova forma de expressar um fato noticioso, com quesitos que envolvem, imergem e instigam o público ouvinte a interagir com a matéria apresentada.

Uma das mais atuais reportagens jornalísticas retratadas neste formato, lançada em 2020, é o podcast Praia dos Ossos⁷, exibido numa minissérie realizada pela produtora de podcasts Rádio Novelo⁸, que tem como característica a reportagem jornalística combinada com efeitos e trilhas sonoras específicas para demonstrar e trazer ao público uma interpretação e imersão singular ao fato criminoso contado. De forma em que se aproxima o tradicional jornalismo interpretativo com as atuais tecnologias e possibilidades de submersão abrangentes nos podcasts.

A IDEIA E ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS INTERPRETATIVAS NO PODCAST PRAIA DOS OSSOS

Praia dos Ossos conta exclusivamente o caso do assassinato de Ângela Diniz, aos 32 anos, no dia 30 de dezembro de 1976, com quatro tiros numa casa na Praia dos Ossos, em Búzios, pelo então namorado Doca Street, réu confesso. Mas, nos três anos que se passaram entre o crime e o julgamento, Doca teve sua imagem divulgada como vítima, e com o caso ficando famoso pelo nome do assassino, trouxe à tona uma vasta discussão para a sociedade brasileira sobre o feminicídio⁹, machismo e o código penal.

A história é contada pelas idealizadoras Branca Vianna, também apresentadora do podcast e Flora Thomson-DeVeaux, pesquisadora e produtora geral, junto a uma ampla equipe da Rádio Novelo. A narrativa é apresentada em 8 episódios entre 43 minutos e 1h04 minutos de duração que foram lançados do dia 21/08/2020 a 31/10/2020, com mais outros 3 episódios bônus de aproximadamente 20 minutos que foram divulgados em 24/04/2021.

⁷ <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/>

⁸ <https://www.radionovelo.com.br/>

⁹ O termo “feminicídio” passou a ser usado posteriormente após a lei entrar em vigor no dia nove de março de 2015 (Lei 13.104/15), pelo crime de assassinato de mulheres por serem mulheres. Nos episódios 7 e 8, Branca e Flora trazem mais informações sobre o termo na época.

Desde o início, a ideia de Branca e Flora foi de contar a história por meio de áudio¹⁰. Elas são muito próximas dos podcasts e toda a pesquisa e produção do Praia dos Ossos foi realizada para se tornar um podcast e não outro formato, inclusive a criação da Rádio Novelo.

A composição da trilha sonora é o principal elemento que indica a identidade singular do podcast e sua história. Foi realizada uma construção rítmica onde se cria um elemento primordial para os episódios, a atmosfera. Os efeitos de sonoplastia usados demonstram o romance, suspense, medo, apreensão, alegria, entre outras sensações que afloram em conjunto com a narração.

A vinheta de apresentação é componente principal da individualidade do podcast. As batidas apresentadas trazem a interpretação do suspense e drama que a reportagem conta, fazendo com que a audição do ouvinte acompanhe o ritmo e se envolva no clima de mistério.

A relação da linguagem narrativa com o tradicional conceito de sonoplastia é o que conduz e instiga a atenção à história. Como define Ulisses Iarochinski:

Sua função é dar suporte à voz humana de forma a envolver o ouvinte e levá-lo a imaginar as cenas da história contada ou da notícia lida pelo locutor. A sonoplastia cuida dos diversos elementos sonoros que prendem a atenção do ouvinte. Ela reforça a percepção auditiva dos textos narrativos, facilita a compreensão da mensagem e estimula as esferas emotivas. (IAROCHINSKI, 2017, p.59).

Cada episódio possui uma “batida” específica de som de background (BG) para mostrar uma sensação, que é possível perceber uma certa similaridade entre as músicas selecionadas, porém com elementos e sensações diferentes. Neles, é sempre perceptível a forma como a atmosfera da história se apresenta.

Isto acontece, por exemplo, logo no início do primeiro episódio quando se introduz com o som da praia, dos passos, dos pássaros, de uma conversa informal e com a narrativa de detalhes sobre o local. Instiga-se a imaginação pelos detalhes de informações e seus respectivos sons, bem como o sentimento que eles transparecem.

Essa riqueza de detalhes é o que faz o ouvinte adentrar no ambiente da reportagem e sentir como se estivesse presenciando o momento da chegada à praia, da forma como a casa era e se tornou no decorrer dos anos, como foi a cena do crime e entre outros acontecimentos que aos poucos vão sendo contados.

¹⁰ As idealizadoras explicam em live com o podcast Modus Operandi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hOUQF5p3Nn4>

Este efeito cuidadoso da sonoplastia contribui na “função de produzir efeitos subjetivos, que valorizam, sugerem, comunicam, definem ou reforçam situações, reações, sentimentos, fatos e pessoas” (IAROCHINSKI, 2017, p.59), tornando a reportagem cada vez mais imersiva.

O som bruto da entrevista, momentos de narração onde não são usados sons, as pausas com intervalos de silêncio e outros efeitos como a de uma fita rebobinando, marcam a contextualização da investigação, documentação dos fatos dos episódios e a perfeita harmonia da sonoplastia com a narração.

Em outros momentos o podcast também utiliza elementos que trabalham as funções de audição do ouvinte, sendo eles importantes para uma maior fidelização com o fato. Estas funções são definidas por Barbosa Filho como:

Atenção auditiva: a capacidade do indivíduo de apresentar uma resposta voluntária a um estímulo sonoro, uma vez que todos os sons motivam respostas, passivas ou ativas;

A figura/fundo auditiva: a capacidade de selecionar um estímulo sonoro significativo dentro de uma gama de sons apresentados simultaneamente;

Discriminação auditiva: “é o processo de detectar diferenças e semelhanças nos sons que percebemos” (apud SALINAS, p.62)

Memória auditiva: envolve a habilidade de armazenar e de evocar o material auditivo;

Análise auditiva: é a operação que decompõe as informações sonoras recebidas, ao passo que a síntese auditiva é a operação que une as partes para compor uma informação sonora;

Sequenciação auditiva: é a função que depende da memória, uma vez que é a capacidade de lembrar a ordem dos itens em sequência. (BARBOSA, 2009, p.78-79).

Sendo elas instituídas no podcast episódio por episódio, por estímulos sonoros como um som de campainha para conduzir uma fala do roteiro e conseqüentemente já despertar a atenção auditiva; momentos de tensão e suspense que são sempre acompanhados dos sons de bumbos, são eles que demonstram essa sensação; músicas que ambientalizam uma descrição e vão dispor da memória auditiva do ouvinte e outros componentes sonoros criados que indicam a discriminação e relação com o episódio seguinte.

Cada episódio utiliza um componente específico para aproximar o ouvinte da narrativa e fazê-lo sentir a investigação do fato. Sendo assim, estes elementos trazem a sequenciação auditiva fazendo com que o ouvinte escute e se lembre de pessoas e características mencionadas anteriormente. Um exemplo é a vinheta que tanto faz a abertura, quanto encerra os episódios. Quando a vinheta começa a tocar, o ouvinte já entende que o episódio está se encerrando antes mesmo da locução confirmar.

A captação profissional realizada nos áudios para o podcast faz grande diferença também na imersão do ouvinte. As entrevistas e pesquisa de campo foram realizadas com técnicos especializados em cinema e trabalho em locação. Os recursos e captação não são feitos só em estúdio, são também nas casas dos entrevistados e com a preocupação de captar na íntegra o barulho da chegada e entrada nos locais, o ambiente externo e o que aconteceu nos intervalos entre os afazeres da pesquisa. Junto a roteiristas profissionais que pensaram a linguagem do podcast inspirado no cinema e séries, contribui para o ouvinte espontaneamente adentrar na história.

A estrutura sonora dos episódios tem como base dois conceitos que contribuem para a imersão do ouvinte e sua imaginação da imagem por áudio: o de paisagem sonora, que como explica Heloísa Valente:

Expressão que praticamente se autoexplica (adaptação em língua portuguesa para o neologismo *soundscape*), foi cunhada pelo compositor canadense R. Murray Schafer e designa todo e qualquer ambiente acústico, não importando sua natureza (*apud* SCHAFER, 2001). Dentre os aspectos que o autor ressalta, destaca-se o fato irrevogável de que a paisagem sonora vem se tornando, ao longo dos anos e séculos, cada vez mais barulhenta em resultado da tecnologização (VALENTE, 2004, p.164).

E o conceito das imagens mentais em que “o ouvir nos permite gerar imagens” (*apud* BAITELLO JR, 1999) e como define Renato Vaisbih, “é o repertório de imagens conhecidas pelos ouvintes. Ou então, a sua capacidade de imaginação.” (VAISBIH, 2003, p.118).

Outro elemento que aparece e contribui para uma melhor visualização das notícias apuradas é a leitura dos jornais realizado pelo locutor Ingo Ostrovsky, que além de contornar a falta de registros sonoros da época, o efeito junto a sua voz remete o ouvinte à locução realizada nas rádios e traz um tom imersivo ao mostrar como foi a divulgação de Ângela na mídia impressa.

Um componente criativo primordial que utilizaram também foi a metáfora para descrever os relacionamentos de Ângela, sem identificar determinadas fontes que não autorizaram o uso dos áudios das entrevistas. A produção do Praia dos Ossos se inspirou na linguagem do gênero de coluna social da época e na forma como Daniel Más, colunista do Correio da Manhã, escrevia colocando as roupas e acessórios como personagens.

Eles então utilizam as alcunhas: Salto Alto da Ângela, Mocassim, Sandália, Saia da Ângela, os irmãos Blazer Sênior e Blazer Júnior, a Camisa Social Engomada, a Gravata

Borboleta, a Calça Xadrez e em uma expressão: “fazer da saia de Ângela um vestido de noiva”, para demonstrar os envolvidos e descrever as relações. Assim, junto a uma trilha sonora que acompanha a narração do acontecimento, é possível compreender quem são os diversos personagens que aparecem e seus vínculos um com o outro de uma forma dinâmica e imersiva. Mesmo sem conhecer seus nomes, você os identifica, visualiza os relacionamentos e não se confunde com o papel de cada um nos acontecimentos.

Um outro elemento curioso também criativo para a interpretação da narrativa e que desperta uma aproximação do ouvinte com as criadoras do podcast, é a leitura dos créditos nos finais de cada episódio. Branca ao indicar o nome de Flora, o utiliza como uma forma de “brincar” com todos os diversos trabalhos que a pesquisadora realizou no podcast.

Eles aparecem com a narração de Branca Vianna no episódio 2: “*A Flora Thomsom-DeVeaux decorou as mil e quinhentas páginas dos autos do julgamento;*” no episódio 3: “*A Flora Thomsom-DeVeaux ensinou todo mundo aqui da equipe a dançar o Cha Cha Cha;*” no episódio 4: “*A Flora Thomsom-DeVeaux sabe identificar uma obra do Aleijadinho a cem passos;*” no episódio 5: “*Uma coisa que nem todo mundo sabe é que a Flora Thomsom-DeVeaux traduziu Machado de Assis inspirada nas notas do Giba Um;*” no episódio 6: “*A Flora Thomsom-DeVeaux é uma caçadora de papéis velhos, o que é um esporte bem menos perigoso para todos os envolvidos;*” no episódio 7: “*A Flora Thomsom-DeVeaux jura que não foi ela que pichou aquela parede com ‘Se se ama, não se mata’ e a justificativa no episódio 8: “Eu sempre fico brincando com o crédito da Flora Thomsom-DeVeaux, mas é porque ela fez de tudo nesse projeto”.*

Essa linguagem cria um momento de identidade e sentimento de amizade do ouvinte com as idealizadoras e o envolvimento da brincadeira, faz com que o receptor interprete ainda mais os detalhes dos acontecimentos citados no episódio vigente e relacione a linguagem narrativa que o podcast traz.

Os créditos de cada episódio também indicam um “link” para que o ouvinte possa ver as fotografias do episódio que ficam disponíveis no site do Praia dos Ossos. Estas fotos também contribuem para relacionar a imagem sonora criada pelo ouvinte com as fotografias dos momentos, assim, trazendo uma total visualização dos ambientes da reportagem e conseqüentemente a completa imersão do ouvinte no contexto contado no episódio.

A FORMA COMO DÃO VOZ À ÂNGELA DINIZ

Como se sabe, o crime só pôde ser noticiado e compreendido por um lado da história, o de Doca Street. Não será possível saber ao certo o que Ângela Diniz pensava naquele momento ou como se defendeu.

O principal objetivo do Praia dos Ossos é o de “dar voz à Ângela, tanto no sentido literal, quanto o metafórico” (VIANNA, 12 de nov. 2020, 8’01) e contar o fato a partir dos acontecimentos e fontes pertinentes a ela, sempre pensando nas situações que fossem relacionadas à Ângela para não mudar o foco da história, que era ela. (THOMSON-DEVEAUX, 23 de dez. 2020, 36’33).

Ao ouvir o podcast, faz-se com que o ouvinte possa a conhecer e interpretar como Ângela era, como pensava, como agia, como era vista e o que causava nas pessoas ao seu redor, principalmente de como a imagem dela sempre foi muito exposta, mas sua voz não era muito importante (VIANNA, 12 de nov. 2020, 7’51). Uma vez que nunca poderemos saber seu lado, apenas é possível depois de conhecê-la, fazer a própria dedução e interpretação do crime e seus envolvidos.

Mesmo sendo uma série em áudio e existindo somente duas sonoras nos acervos que demonstram a gravação da voz de Ângela, os depoimentos de amigos, conhecidos e familiares, as entrevistas realizadas com ela para as colunas sociais dos jornais e revistas que foram lidas nos episódios e a descrição das pessoas que a viram crescer e conviveram com ela em algum momento, com as declarações de como ela estava se sentindo, como ela pensava e como ela queria agir, faz com que se conheça e visualize o quanto ela era bonita, atraente, sedutora, como causava desconforto pela sua beleza e medo às pessoas pelo seu desejo de relacionamentos intensos e voláteis, de ter atitudes provocantes e principalmente o medo de uma sociedade que não sabia lidar com uma mulher que seguia os próprios desejos.

Estas características apresentadas episódio a episódio faz o ouvinte reconhecer o perfil de Ângela e sua influência, bem como concluir de que forma ela agiria para cada situação. A narrativa te apresenta completamente quem era Ângela Diniz te fazendo sentir total proximidade com ela como se a tivesse conhecido pessoalmente, e dentro da interpretação de cada pessoa que ouviu ao Praia dos Ossos, foi possível ver seus movimentos, expressões e assim Ângela ganhou vida e ação novamente.

Vele ressaltar a relação da linguagem que o podcast utiliza para apresentar Ângela, com o perfil produzido por Gay Talese: “Frank Sinatra está resfriado”. São utilizados apenas

testemunhos para demonstrar as características do dois, sendo assim, “uma série de vozes dá musculatura para construção do perfilado; tornam-se personagens também na estratégia do repórter de composição do perfil com distintas matrizes de testemunho, que marcam memórias humanizadoras”. (BRAZ e SARDINHA, 2018, p.81).

Como por anos a mídia divulgou o assassinato enfatizando o nome do assassino e não a vítima, e para ser uma história a ser vendida como um espetáculo, o Praia dos Ossos se preocupou em sempre trazer os fatos que tivessem a Ângela relacionada ao assunto retratado. Até mesmo no episódio 6 – Doca, o objetivo era de trazer respostas e explicações voltadas para ela e não o enfatizando novamente.

O podcast também utiliza de recursos para documentar um momento histórico da sociedade brasileira, um capítulo importante do movimento feminista, que começou e tomou força a partir da indignação da pena no primeiro julgamento e a justiça a ser realizada no segundo julgamento. As manifestações do “Quem Ama Não Mata”, que foram primordiais para o resultado do segundo julgamento, trazem um momento de aprofundamento e memória ao ouvinte com recursos sonoros que também imergem e trazem um tom de reflexão histórico e sentimento de contribuição à defesa da mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se pensar nas novas tecnologias e as criações que a internet estabeleceu, conhecer sobre as percepções e ferramentas sonoras que os podcasts apresentam é primordial para se concretizar as convergências nos formatos e gêneros jornalísticos e entender como a multimídia dispôs de produtos criativos para o público.

Como percebe-se pelos elementos sonoros do Praia dos Ossos, foi possível unir o tradicional conceito de jornalismo interpretativo ao atual formato, o podcast. Toda a produção dos roteiros e sonorização foram pensados de forma que pudessem envolver o ouvinte com o fato narrado.

Os elementos sonoros definidos foram muito bem analisados pela equipe de produção do podcast para que houvesse harmonia entre a sonoplastia e narração, e que a história pudesse ser contada sem distorcer o fato ou passar uma sensação diferente do que realmente era o acontecimento. Para isso, utilizando uma captação profissional do áudio e todas as ferramentas atrativas da narrativa que ele possui.

Como se pôde ver, as batidas selecionadas, os sons dos passos, dos pássaros, de uma conversa informal, da fita rebobinando, as pausas, entre outros elementos, são intuitivos para a audição do receptor que espontaneamente já imerge e visualiza o ambiente.

Além de também fazer possível o ouvinte conhecer completamente Ângela Diniz pela vasta apresentação de detalhes de sua personalidade, aparência, atitudes e forma de pensar pelos depoimentos e declarações de amigos, familiares e conhecidos que com ela conviveram, tornando ela viva na interpretação de cada um.

Há também o processo criativo de utilizarem “brincadeiras” com os feitos de Flora Thomson-DeVeaux na leitura dos créditos que possibilitou um maior envolvimento entre o ouvinte e as idealizadoras, aproveitando para enfatizar um detalhe importante que o episódio apresentou.

Por fim, estas ferramentas sonoras e a linguagem narrativa-literária trazem a forma como o jornalismo interpretativo se apresenta com a imersão e visualização do ouvinte a partir da narração dos fatos, assim, compondo a convergência e criatividade que os arquivos em áudio possuem.

REFERÊNCIAS

#102 - PODCASTS e Feminismo com Branca Vianna! (Especial #032). Quarentena Antes dos 40. YouTube. 16 de nov. 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=nCyfNurwLok&list=PLD-9mG2PTpdDJoxQOBSoiKfsw9me24F0b&index=24> Acesso em: 04 de mai. 2021

AULA ABERTA| Outras Formas de Narrar: Feminismos e Memória com Branca Vianna e Flora Thomson-Deveaux. Casa 1. YouTube. 12 de nov. 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=QyB1L3SKAr0&list=PLD-9mG2PTpdDJoxQOBSoiKfsw9me24F0b&index=22> Acesso em: 04 de mai. 2021

BARBEIRO, Heródoto, e Paulo Rodolfo DE LIMA. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e Internet.** vol. 2ª edição, São Paulo: Campus, 2001.)

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

BATE-PAPO com as criadoras do podcast Praia dos Ossos - Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux. Direito UCPel. YouTube. 04 de nov. 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=GJ55aCujfSY&list=PLD-9mG2PTpdDJoxQOBSoiKfsw9me24F0b&index=21> Acesso em: 03 de mai. 2021

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo: Filosofia e Técnica.** 2ª edição. Porto Alegre: Sulina. 1980

BRANCA Vianna fala de feminismo e conta tudo sobre o podcast Praia dos Ossos. Murilo Ribeiro. YouTube. 19 de nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GiTb->

[j2CLyo&list=PLD-9mG2PTpdDJoxQOBSoiKfsw9me24F0b&index=20](#) Acesso em: 01 de abr. 2021

BRANCA Vianna idealizadora do podcast Praia dos Ossos. Federação Israelita SP. YouTube. 01 de mar. 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=1oxqynf7Ews&list=PLD-9mG2PTpdDJoxQOBSoiKfsw9me24F0b&index=29> Acesso em: 05 de mai. 2021

BRANCA Vianna: ache um podcast para chamar de seu! I Espaço Recíproco. Espaço Recíproco. YouTube. 15 de fev. 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=BY1KIVWDKdG&list=PLD-9mG2PTpdDJoxQOBSoiKfsw9me24F0b&index=28> Acesso em: 05 de mai. 2021

BRAZ, Michelle; SARDINHA, Antonio. **Caracterização e Análise do Perfil como Gênero em 'Sinatra está Resfriado'**. 2018. p.61-90. Letras. UNIFAP. Macapá. 2018.

DEL BIANCO, Nélia R. (org). **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência**. E-book Coleção GP'S: grupos de pesquisa; vol. 5. São Paulo: INTERCOM, 2012. Disponível em: portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/ Acesso em: 16 de abr. 2021

IAROCHINSKI, Ulisses. **Escrevendo para falar no rádio**. Curitiba: InterSaberes, 2017. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Loader/129467/pdf>. Acesso em: 15 de abr. 2021

LIVE Praia dos Ossos - Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux. Rádio Novelo. YouTube. 18 de nov. 2020. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=ZUjwc1_XSEM&list=PLD-9mG2PTpdDJoxQOBSoiKfsw9me24F0b&index=25 Acesso em: 01 de abr. 2021

LUIZ, Lucio *et al.* **Reflexões Sobre o Podcast**. Rio de Janeiro: Marsupial Editora, 2014.

MCHUGH, Siobhan. **Podcasts: o rádio reinventado**. UNESCO. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/courier/2020-1/podcasts-o-radio-reinventado> Acesso em: 17 de abr. 2021

PELLANDA, Eduardo Campos; BARBOSA, Suzana (orgs.). **Jornalismo e mídias móveis no contexto da convergência**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2014. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Loader/52882/epub>. Acesso em: 24 set. 2020)

PRAIA DOS OSSOS e Ângela Diniz feat Branca Vianna e Flora Thomson-DeVeaux. Moduspod. YouTube. 23 de dez. 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=hOUQF5p3Nn4&list=PLD-9mG2PTpdDJoxQOBSoiKfsw9me24F0b&index=26> Acesso em: 04 de mai. 2021

SILVEIRA, Carlos *et al.* **Novas Linguagens do Rádio**. SAGAH: Grupo A, 2020. 9786556900377. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786556900377/>. Acesso em: 15 de abr. 2021

STRAZZA, Pedro, B9, **Enquanto hábitos de música retornam ao normal, consumo de podcasts no Spotify dobrou no último trimestre**, 29 de julho de 2020). Acesso em 13/04/2021.

VAISBIH, Renato. **Ouvindo Imagens**. In: **Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, nº 4, 2003. Resumos. São Paulo: Editora, 2003. p. 115-124

VALENTE, Heloísa de A. Duarte. **Paz na Terra, Guerra no Céu: crônica de um testemunho auditivo.** *In: Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia*, nº 6, 2004. Resumos. São Paulo: Editora, 2004. p. 161-171